

FORA OBAMA DO BRASIL!

Lula recebeu George W. Bush – o carniceiro do Iraque e Afeganistão. Dilma, agora, recebe Obama – o hipócrita presidente dos Direitos Humanos. Republicanos e democratas se revezam no poder do Estado com a mesma política de assegurar e expandir o poderio norte-americano. Obama vem ao Brasil com um gesto de apoio ao alinhamento do governo Dilma ao imperialismo em geral e, em particular, à política dos Estados Unidos.

A crise mundial não foi debelada. Pelo contrário, o pequeno respiro indica que retomará com muito mais força. A falência de Estados nacionais na Europa é um dos sintomas. Nesse quadro, a economia no Brasil aumentou sua importância para as potências. Deverá contribuir em escala maior na proteção dos monopólios internacionais e na manutenção da ordem mundial estruturada sobre a base do domínio imperialista.

Obama vem ao Brasil para em tom amistoso dizer que está feliz com o apoio que começou a receber do novo governo à sua política de Direitos Humanos. E que foi e será bom para o mundo condenar a ditadura de Muamar Kadafi. E que conta com a participação brasileira doravante na cruzada para derrocar o regime dos aiatolás no Irã, arrancando-lhe o programa nuclear. Demonstrará a Dilma como foi positivo quebrar o ímpeto revolucionário das massas no Egito, promovendo uma operação cirúrgica de destituição do moribundo ditador Mubarak, por meio de um golpe militar palaciano. Nos levantes em países do Norte da África e do Oriente Médio, os Estados Unidos exerceram seu poderio para que as mudanças políticas não afetassem a ordem mundial, o que é bom para o capitalismo no Brasil – certamente dirá Obama a Dilma.

As fontes de petróleo, sua exploração pelas multinacionais e sua distribuição estão garantidas pelos Estados Unidos, com apoio da Inglaterra, França, Japão e dos países “emergentes”, como o Brasil. Lula foi um bom colaborador. Ajudou a Casa Branca a disciplinar o nacionalismo de Hugo Chávez e Evo Morales. Manteve as portas sempre abertas para as multinacionais. Deu segurança ao capital financeiro internacional. E sobretudo manteve a classe operária em rédeas curtas, não permitindo que a burocracia sindical afrouxasse o cabresto imposto pelo Estado burguês às Centrais e sindicatos. Por tudo isso, Lula mereceu ser chamado carinhosa e respeitosamente de “o cara”. Mas Lula fez a bobagem de querer mostrar um Brasil independente em questões como a do Irã. E já não havia mais sentido poupar Fidel Castro da espada dos Direitos Humanos dos Estados Unidos. Também se desgastou apoiando Manuel Zelaya contra o golpe de Estado em Honduras. Esses arroubos devem ficar para trás.

A democracia do imperialismo, afinal, está triunfando. É verdade que os Estados Unidos promoveram ditaduras sanguinárias – uma delas a de Mubarak – e ainda sustentam monarquias, como a da Arábia Saudita. Mas as mudanças estão ocorrendo e os Estados Unidos se colocam à sua frente para que tudo ocorra dentro da ordem mundial, da paz e da democracia.

Obama reconhece a “comunidade internacional”, que expressa a força do capitalismo mundial. Se Bush pôs de lado a política norte-americana de Direitos Humanos, que se universaliza por meio da ONU, foi devido a circunstâncias provocadas pelo terrorismo. Bin Laden, com sua Al Qaeda, justificou a agressão norte-americana ao Iraque – mas Obama lamenta a morte de milhares de inocentes. E o fato da Casa Branca, da CIA e do Pentágono falsearem a verdade com a mentira de que o regime de Saddam Hussein estava prestes a obter armas de destruição em massa? Obama dirá que foi um equívoco, mas que está sendo reparado com a volta dos Direitos Humanos. E Guantánamo, centro de tortura, por que Obama não cumpriu seu imediato fechamento? O Presidente dirá que a grande democracia norte-americana não permitiu, embora fosse a sua vontade. É bom que ninguém pergunte ao chefe da Casa Branca sobre as torturas a que foi submetido Bradley Manning, preso no centro de detenção da brigada militar de Virginia, acusado de vazar informações para o WikiLeaks. A resposta já foi dada com a demissão do porta-voz do Departamento do Estado, Philip J. Crowley, por ter confirmado a tortura. Nada disso tem importância para o governo Dilma.

Obama pisará em solo brasileiro, chileno e salvadorenho trazendo na ponta da língua os Direitos Humanos, emanados dos Estados Unidos para o mundo por meio do poderio econômico e militar. Evidentemente, há outros interesses bem definidos. Os Estados Unidos bloquearam a decisão de Lula de comprar aviões militares da França. O desfecho foi transferido para Dilma. A indústria armamentista norte-americana necessita de bons negócios, premeida que está a economia do país. Um outro, é o petróleo. Obama oferecerá ao governo brasileiro préstimos, como capital, tecnologia, maquinaria, etc. Estará empenhado em transformar o Brasil no mais novo fornecedor de óleo bruto. As suas multinacionais já estão enfiadas na prospecção. Trata-se de alargar os negócios. O Brasil passou a ser estratégico para os Estados Unidos também quanto ao petróleo. Em um capitalismo mundial conturbado, marcado pela crescente disputa por matérias primas, a descoberta do Pré-sal abriu mais uma frente estratégica de energia. Está aí por que a Casa Branca reativou a IV Frota e reforçou sua presença militar na América Latina, estabelecendo bases na Colômbia. Crescerá, assim, a influência imperialista sobre o Brasil.

A burguesia brasileira se encontra amplamente atada ao capital internacional. As forças produtivas internas estão condicionadas pela economia das potências. Lula arvorou-se em vôos rasos. Foi o suficiente para o imperialismo mover setores da burguesia brasileira a conter os ímpetos de independência. Dilma começou seu governo sem asas. O representante da ordem mundial de exploração e opressão das nações semicoloniais terá calorosa acolhida.

A classe operária desorganizada e controlada pela burocracia sindical pró-governo e pró-imperialista sequer terá a noção de que as condições de pobreza e miséria da maioria têm como responsável a burguesia nacional consorciada com o imperialismo. Obama se sentirá em casa para proclamar os Direitos Humanos e conchamar o Brasil a colaborar com as potências para preservar o grande capital da crise.

A Europa se encontra estremeada pelas quebras. O mundo árabe atravessa conflagrações. A tão bem aparentada serenidade do capitalismo norte-americano foi perturbada com a débâcle de 2008. A Ásia se contorce em desequilíbrios, com o Japão em retrocesso e a China caminhando para o impasse de uma economia profundamente artificializada. A América Latina já não tem como sustentar os oito anos de respiro. Grandes conflitos estão em desenvolvimento. Ou a China acata as ordens do imperialismo, ou avançará em rota de colisão com os Estados Unidos e seus aliados europeus e asiáticos. O Brasil deve, portanto, voltar ao leito de completa subserviência. Esse é o conteúdo fundamental da “visita” cordial de Obama.

O Partido Operário Revolucionário chama a classe operária, os camponeses, a juventude e os demais explorados a rechaçarem a presença do representante imperialista. Conclama a condenarem a subserviência do governo de Dilma e denunciarem a posição pró-imperialista do PT, de sua burocracia e dos partidos coligados PMDB, PDT, PSB e PCdoB. Chama a execrarem a política imperialista dos Direitos Humanos e da democracia ditada, cujas bandeiras estão embebidas em fome e sangue das massas mundiais e das nações semicoloniais. Conclama a deferem a independência do Brasil e de todos os povos oprimidos. Chama a empunharem a bandeira de autodeterminação dos povos: fim das ocupações no Iraque, Afeganistão; nenhuma intervenção no Irã, Líbia.

O POR vem à classe operária e aos demais explorados convocá-los à luta contra o imperialismo e à burguesia brasileira. O POR empunha o programa da revolução e ditadura proletárias.

Fora o imperialismo! Viva a autodeterminação dos povos e nações oprimidas! Por uma frente única antiimperialista, sob a direção da classe operária e do programa da revolução social.

14 de março de 2011